

(Transcrição)

Rocca di Papa, 18 de abril de 2002

Frente a frente - Chiara Lubich de Sandra Hoggett:

(1ª parte)

(...)

Sandra: 4. Quando foi que sentiu pela primeira vez este imenso amor por Deus?

Chiara: Sempre tive uma fé muito forte. Nasci com a fé e sentia esse amor por Deus. Como as outras pessoas, eu pensava que Deus estivesse longe, para além das estrelas. Porém, a minha fulguração foi aos 23 anos, quando este carisma começou a funcionar.

Eu dava aula num orfanato. Um dia um sacerdote passou por ali. Acho que ele tinha me visto rezar na igreja. Ele me chamou e me perguntou: «Você poderia oferecer uma hora do seu dia pelo meu ministério?» Diante de um sacerdote... A minha fé era tão grande em Deus, na Igreja que eu disse: «Mas eu posso oferecer o dia inteiro!» Ele ficou impressionado com a minha resposta. Disse-me para ajoelhar e afirmou: «Deus a ama imensamente!» Eu acreditei nisso! Era como se Deus me dissesse esta frase através do sacerdote.

Desde então, esse Deus que... estava no sacrário, mas também distante, eu sentia que estava perto de mim. Todas as circunstâncias são guiadas por ele. É quem guia a grande história da humanidade e a nossa pequena história. Eu vi que Deus é amor e que por trás de tudo está o amor. Tudo é amor, inclusive as coisas que certas vezes parecem negativas, porque Deus permite tudo isso para um bem maior, para o bem daqueles que acreditam que ele é amor.

Lembro que sob essa forte impressão de que «Deus me ama imensamente», eu a comuniquei às minhas amigas, à minha mãe, escrevia ao meu irmão e irmãs. Assim nasceram as minhas primeiras amigas, pois eu lhes disse: «Deus te ama, Deus nos ama!» Nós acreditamos no amor.

Naquele período, havia a guerra. Podíamos morrer de uma hora para a outra. E dissemos: «Se morrêssemos, queremos ser enterradas numa única sepultura com a frase: "E nós acreditamos no amor"».

Antes a nossa vida estava coberta por uma sensação de orfandade; depois encontramos o Pai, encontramos Deus e foi assim que começou a nossa revolução cristã.

Por outro lado, o anúncio na nossa Igreja, o anúncio da fé é este: «Deus ama o homem». De fato, por amor ele nos criou, por amor mandou seu Filho para morrer por nós, por amor nos preparou uma eternidade feliz. Tudo por amor. O Espírito Santo sabia como se anuncia e o fez numa forma justa.

Sandra: 5. Você fez um voto incomum. Normalmente, são as religiosas que o fazem.

Na verdade, você se casou com Deus...

Chiara: Também essa foi uma circunstância como as outras. Deus fala por meio das circunstâncias, das pessoas, dos encontros, com os fatos.

Eu estava na minha casa estudando... Minha mãe queria que eu só estudasse. Ao invés, as minhas irmãs mais novas também ajudavam em casa.

Um dia fazia muito frio. Éramos pobres. Antes a nossa situação era melhor, mas as circunstâncias... Minha mãe precisava de leite e tínhamos que pegar uma garrafa e ir comprar leite a dois quilômetros de distância. Minha irmã disse: «Eu não vou!», pois fazia muito frio. A outra também não quis ir. Eu já tinha entendido que era importante amar. Eu tinha entendido isso antes de receber este

nosso Ideal. Pensei: «Faço um ato de amor e vou»; eu disse: «Mãezinha, eu vou!» Peguei a garrafa, comecei a caminhar... na direção desse lugar, onde comprávamos o leite. No meio do caminho, tive a impressão, era uma simples impressão de que o céu se abria e dentro de mim ouvi essa voz: «Consagra a tua vida a mim». Era o chamado. Comprei o leite. Voltei. Não disse nada para ninguém. Escrevi para o meu confessor. Ele quis conversar comigo.

Naquela época, se costumava fazer a parte do advogado do diabo, apresentando todas as dificuldades. O sacerdote então me disse: «Você vai ficar sozinha, consagrando-se a Deus. Os seus irmãos se casarão, terão filhos e você vai ficar sozinha!» Eu respondi: «Enquanto existir um sacrário na terra, jamais estarei sozinha!»

Ele se consultou com um padre mais idoso e experiente e deu a permissão de me consagrar a Deus por toda a vida.

Combinamos o dia. Ele me preparou um banquinho na igreja. Eu participei da missa. Naquela época, usava-se um missal pequeno, bonitinho. Antes de pronunciar a fórmula: «Sou toda tua», compreendi o que estava para fazer. Tive a sensação de que uma ponte desmoronasse atrás de mim. Eu não podia mais voltar atrás e rolou uma lágrima. Porém, fiz o meu voto, a consagração e desposei Deus.

Depois, voltei para casa e a minha impressão era a seguinte: desposei Deus, posso esperar tudo dele. Eu esperava algo grande. Nunca teria imaginado um Movimento como este, que supera qualquer força humana.

Alguém me disse para fazer, à noite, uma vigília de oração. Eu não achava uma prática adequada para mim, mas rezei por duas horas mais ou menos diante de um crucifixo. No dia seguinte, voltando para casa, após a minha consagração, comprei três cravos vermelhos.

Antes da cerimônia minha mãe me perguntou aonde eu estava indo. Disse-lhe que ia a uma cerimônia. Senti que não precisava lhe dizer. O Evangelho diz que nem todos entendem. Só quem é chamado entende.

Eu também dava aulas particulares e para algumas alunas eu contei imediatamente. Elas me viam toda contente e me perguntaram o que era. Eu lhes contei e também elas se prepararam para fazer o que eu fiz. O Movimento começou assim.

O voto, que eu fiz, foi como plantar a primeira pedra, sólida, para sempre.

Sandra: 6. Você fala de um matrimônio, que é uma relação a dois! Você e Deus.

Como vocês se comunicam? O que oferecem um ao outro?

Chiara: Assim que compreendi que Deus é amor, que me ama, e que ele está por trás de todas as circunstâncias, que tudo foi previsto por ele, que nós devemos ser amor uns para com os outros... Eu compreendi logo que devia fazer a minha parte e amar a Deus.

Eu era bem preparada do ponto de vista cristão. O Evangelho diz: «Quem me ama, observa os meus mandamentos». Eu pensei logo que devia observar o que ele quer.

Havia a guerra. E corríamos sempre para os abrigos antiaéreos, até 11 vezes por dia, porque os aviões bombardeavam a cidade. Levávamos conosco somente o Evangelho. Compreendi que, no Evangelho, encontraria como amar a Deus. Líamos uma frase com as outras focolarinas, e era suficiente para mudar a nossa vida. Por exemplo, «ama o teu próximo como a ti mesmo». Mas quem é o nosso próximo? Olha, é aquela mãe com cinco filhos. Tínhamos que ajudá-la e cada uma de nós pegava uma criança no colo. Ou o doente que ficou em casa e saindo do abrigo íamos visitá-lo. É aquela pessoa que passa fome. Assim nasceu o nosso estilo de vida diferente de antes, pois nos interessávamos pelos outros. Isso nos dava uma grande felicidade, pois amar nos faz felizes.

As pessoas nos perguntavam o motivo da nossa felicidade em meio à guerra, com as bombas, com as pessoas feridas, mutiladas, com os órfãos. Contávamos a nossa descoberta do Evangelho. Essas

peçoas se juntavam a nós e depois de dois meses já éramos um grupo de 500 peçoas que vivíamos essa aventura evangélica.

Sandra: 7. Eu queria compreender como é o seu relacionamento com Deus. É semelhante ao de um casal normal: um ajuda o outro; têm até opiniões diferentes. Mas às vezes os casais brigam. Gostaria de entendê-lo melhor. Pode me explicar mais?

Chiara: No início esse relacionamento se estabelece por meio das orações normais que nos ensinam. A seguir, tudo se torna mais espontâneo. No nosso Ideal, no nosso Movimento quanto mais amamos o próximo, mais cresce a nossa união com Deus.

Lembro da experiência que fazíamos (até mesmo as crianças do Movimento a fazem): se amamos o próximo o dia inteiro; este, este e este, à noite, quando nos recolhemos em oração, sentimos que no nosso coração alguém quer conversar conosco. É a união com Deus que se sente. É um fato místico, pois vivemos o dia inteiro a ascese de amar, de nos fazermos um, de ajudar. À noite... Existe um vínculo.

Ao mesmo tempo, quanto mais amamos a Deus, conversamos com ele, lhe pedimos perdão, rezamos, mais temos força para amar o irmão.

Damos sempre o exemplo de uma plantinha que, quanto mais penetra as suas raízes no solo, mais o caule cresce; quanto mais o caule cresce em contato com o oxigênio, mais cresce a raiz. É o amor a Deus e ao próximo. Portanto, a nossa relação é de amor, mas um amor sincero. A experiência de todos é que essa união com Deus é tão grande, tão doce, tão bela que todas as outras experiências são banais.